



ACTAS

TOMO II

**Património: Estudos, Defesa e Valorização
Turismo e Desenvolvimento Regional**

30 de Novembro a 2 de Dezembro de 2017

CASA DAS ARTES

ARCOS DE VALDEVEZ



Ficha Técnica

Título:

**Actas do 5.º Congresso Internacional
Casa Nobre – Um património para o futuro**

Edição:

Município de Arcos de Valdevez

Data:

Novembro de 2020

ISBN:

978-972-9136-87-0

[Título: Actas do 5.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um Património para o Futuro
Arcos de Valdevez, 30 de Novembro a 2 de Dezembro de 2017]

[Autor: Vários]; [Co-autor(es):]; [Suporte: Eletrónico]; [Formato: PDF / PDF/A]

Património

Estudos, Defesa e Valorização



**“POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA,
E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO”¹**

JOÃO LUÍS MARQUES

Universidade do Porto – Faculdade de Arquitectura
jlmarques@arq.up.pt

MARTA PETERS ARRISCADO OLIVEIRA

Universidade do Porto – Faculdade de Arquitectura
moliveira@arq.up.pt

O presente estudo incide na acção dos Silveira, donatários do senhorio de Góis durante quase dois séculos (1459-1649) por casamento de Beatriz Lemos de Goes com Diogo Martins de Silveira. São consideradas obras públicas e privadas, de referência manuelina e do renascimento joanino, e intervenções urbanas promovidas em Góis, no século XVI, por D. Luís da Silveira (c. 1483-533), 1.º Conde de Sortelha,



Fig. 1 – Excerto da fotografia aérea de Góis, CIGeoE, 1947. Estão assinalados, no sentido dos ponteiros do relógio: ermida, ponte, paços novos, hospital, fonte e igreja

¹ SILVEIRA, D. Luís da – “Treslado testamento do conde D. Luís da Silveira, feito pelo próprio em 12 de Março de 1529”, in *Livro de Testamentos da Casa dos condes de Sortelha e senhores de Góis*. ANTT, 1529.

embaixador de D. João III na corte de Carlos V, obras de assistência, de benfeitoria e enobrecimento da vila continuadas pelo filho, D. Diogo da Silveira. No seu conjunto, constituem uma manifestação relevante de evergetismo dos senhores de Góis, num contexto de estreita relação com a corte e a diocese de Coimbra, em tempo de renovação cristã e reforma tridentina. Procuramos, deste modo, concorrer para a identificação e o relevamento de fragmentos de construções perdidas, bem como para a compreensão da centralidade e distribuição de lugares qualificados da vila, formados com o devir do tempo e por acção do senhorio e figuras gradas de Góis.

A frase de Luís da Silveira que dá título ao presente artigo revela bem a postura de tão erudita personalidade do renascimento que em Góis se retiraria depois de anos de vida na corte. Ao mesmo tempo, a encomenda de Luís da Silveira reflete uma tendência mais generalizada da nobreza em Portugal que, à época, procurava a afirmação do valor da antiguidade, das suas origens, das suas terras e domínios. Em concordância com esta ideia, o testamento datado de 1529 permite identificar a vontade de deixar em Góis marcas que honrem a sua linhagem e memória. Para tal, socorrer-se-á da encomenda arquitectónica, promovendo além das obras privadas outras que *“eram admiradas pela sua utilidade pública, tendo em conta a benfeitoria e o proveito comum, e o modo como concorriam para o enobrecimento urbano”*². Em Góis, Luís da Silveira mandaria ainda erguer, entre diversas obras, uma morada para a eternidade – *“na igreja Nossa Senhora da minha vila de Goes na capella que nella mando fazer”* – e, uma outra terrestre – tinha *“ordenado de fazer huas casas em Goes”*³.



Fig. 2 – A ermida de Nossa Senhora da Assunção no morro do castelo. s/d. Col. particular JLM.

² OLIVEIRA, Marta – “Arquitetura Portuguesa do tempo dos descobrimentos, assento e prática do conselho”. Dissertação de Doutoramento. Porto: FAUP, 2004, p. 1021.

³ Luís da Silveira, em CORREIA, Vergílio – *Um túmulo renascença. A sepultura de D. Luís da Silveira, em Góis*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. pp. 27 e 30.

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"

Dizia Luís da Silveira no testamento ter feito uma **Ermida** dedicada a Nossa Senhora da Assunção onde se rezariam diariamente missas pelas almas suas e de sua mulher, uma pequena obra do 1.º quartel do século XVI. A solução espacial e decorativa quase se pode reduzir a dois volumes simples justapostos, caiados, com cobertura telhada, coroados por ameias e com contrafortes recortados nos ângulos. Esta ermida merece especial atenção se atendermos à sua cuidadosa implantação no território, isolada e elevada num promontório rochoso ladeado por dois cursos de água. Situada no chamado morro do castelo, na margem oposta à do centro da vila de Góis, ganha especial significado no território tornando-se elemento de referência na paisagem – pontuando simultaneamente o espaço natural, da várzea de cultivo às encostas montanhosas dominadas pelo Penedo de Góis –, e o espaço urbano, ao estabelecer franco diálogo com pontos relevantes da vila, que definem um percurso urbano incontornável: a igreja, a praça, os paços novos (hoje desaparecidos) junto à ponte.

A simples rotação de 45° do eixo da ermida em relação à orientação Nascente-Poente, voltando a porta principal a sudeste, confere-lhe visibilidade máxima quando olhada desde a igreja, implantada a cota inferior. A uma outra escala encontramos na implantação desta ermida eco de outras obras mais eruditas consideradas pela histografia da arte, como por exemplo a Ermida de São Jerónimo⁴ em Lisboa, que do alto dominava a barra do Tejo e cuja autoria, tal como a da pequena ermida de Góis, não está definitivamente estabelecida⁵.



Fig. 3 – Góis na várzea do rio Ceira, c. 1940.
Fotografia Baltazar Ferreira. Col. particular JB.

⁴ GUIMARÃES, Filipa – “A Capela de São Jerónimo, Ermida do Restelo”. Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura. Porto: FAUP, 2015.

⁵ Maria de Lurdes Craveiro na sua investigação de doutoramento levantou a possibilidade da ermida de Góis partilhar a autoria com a citada ermida de Belém.

A ermida de Nossa Senhora da Assunção remata um dos eixos principais da vila de Góis que, nas palavras de Raul Proença perpetuadas nas páginas do Guia de Portugal, se desenvolve na várzea como ‘papagaio’ estendido⁶. Recorde-se que a **Ponte** de três arcos sobre o rio Ceira, cuja estrutura se encontra parcialmente ocultada por habitações na parte sudeste, foi construída e custeada por D. João III conforme testemunham documentos coevos e as armas régias que nela se encontram. É, pois, possível intuir a influência de Silveira nesta conquista para a vila.

Esta renovada entrada “*com tudo quanto, se faz de Ressio e assentos desde a entrada da Ponte e Largura da Rua, que della corre pera a Villa*”, demonstra a preocupação com o desenho de espaço público no seu limite, articulando elementos identitários de urbanidade e socialização. Assim se falava em 1612 do espaço criado ao longo do século precedente. Praça – Ponte – Ermida são pontos chave numa proposta de passeio que ainda hoje se conserva. Um caminho que cruza o rio, ligando a vila ao monte, num percurso que se oferece tanto apetecível e prazeroso, como cerimonioso e processional.

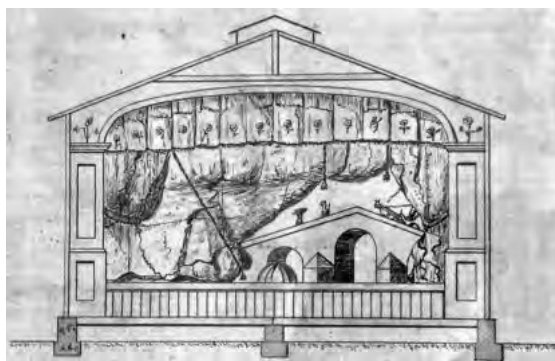


Fig. 4 – A ponte real retratada num projecto para o cine-teatro de Góis, c. 1910. Associação Recreativa e Cultural de Góis.

A ponte tinha permitido a união das duas margens em condições de maior segurança, à qual se associavam, uma em cada margem, duas construções contemporâneas promovidas pelo senhor da terra e guarda-mor do rei: a ermida, à cota alta, e os Paços Novos, junto ao rio⁷.

Os **Paços Novos**, esboçados por Diogo de Torralva sob encomenda de Luís da Silveira, seriam reveladores do gosto erudito de um homem da corte, culto e viajado, que se retirara para Góis, *cabeça de sua casa*. O regresso do conde de Sortelha a Góis não resultará apenas do desencanto pela vida na corte – “*Ai já não há medrança,/ para homem se prezar dela,/ tudo vai sem ordenança*”⁸ –, podendo ser igualmente entendido como um projecto pessoal para nova fase da sua vida – “*Assim que hei por meu conselho/ estar cá já mais de assento/ porque lá sou já mui velho*”⁹ – bem alinhado aliás com percursos de outros membros da alta nobreza e dignatários eclesiásticos daquele período, que se preocuparam em levar a urbanidade para o interior do reino. Fruindo de uma nova envolvente, longe do bulício e dos vícios da capital, e tirando

⁶ PROENÇA, Raul – *Guia de Portugal, Beira, 1 – Beira Litoral*, 3.º vol. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984 (2.ª ed.), p. 397.

⁷ Já no século XVIII seria edificada na margem poente, à cota baixa e no alinhamento da ponte, a capela hexagonal barroca, dedicada ao mártir São Sebastião.

⁸ Luís da Silveira em RAMOS, João Nogueira – *Ao longo desta ribeira – coletânea poética, com notas biográficas e genealógicas de D. Luís da Silveira, Senhor de Góis*. Lousã: ed. de autor, 2000, p. 129.

⁹ *Ibid.*, p. 127.

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"

partido da grande proximidade à natureza – as boas vistas, os bons ares, as boas águas – aqui encontraria a “*vida verdadeira*”, como escreveu pelo próprio punho em poema autobiográfico: “*Ao longo desta ribeira/ vivo a vida descansada/ a derradeira,/ esta é vida verdadeira/ para quem já não quer nada.*”¹⁰ A escolha de um lugar junto às águas do Ceira lembra a mudança do próprio monarca D. Manuel I, que da Alcáçova desceu e fez erguer o Paço da Ribeira, a que Luís da Silveira assistira em Lisboa na sua juventude.



Fig. 5 – A rua da ponte, Góis, c. 1915. Col. particular MSC.
Paços Novos localizados no terreno livre do lado norte da Ponte (à esq.).

Sobre os Paços Novos, pouco ou nada conhecemos para além da referência no testamento – “as quais determino fazer muito honradas e de quartos”¹¹, e com um eirado¹² sobre o rio”¹³ – e das disposições contratuais estabelecidas entre Luís da Silveira e Diogo de Castilho, representado por procuração por Diogo de Torralva. Ainda que estas, correspondendo ao projecto nos termos de então, nos dêem a conhecer um conjunto de intenções e opções ao jeito do que hoje designamos por caderno de encargos, critérios de medição e orçamento, não permitem reconstituir a imagem do Paço. Esta estaria, possivelmente, representada nos ‘*debuxos*’, de Torralva, mostrados ao conde de Sortelha nas suas pousadas, aos Mártires, na cidade de Lisboa, em Abril de 1529. Para a morada em Góis foi acordado que as alvenarias seriam rebocadas de cal de “*ãmbalas as partes*”, com espessura variável conforme o piso. Foram ainda definidos os pés-direitos do piso chão 16 palmos e do piso sobrado 22 palmos. A diferença de 4 palmos acentuaria a nobreza do piso de sobrado, com “*sala e câmara*”. Antevia ainda o ‘*estromento*’ a existência de torres que se elevariam um piso acima do sobrado. A pedra local, o arenito “*da terra da várzea*”, seria a matéria prima de eleição para a realização de todas as cantarias, dos portais, das janelas de “*lume sete palmos com suas sedas e peitoris*” e outras “*de pee se as mandar fazer*”, que possibilitariam o assento e contemplação da paisagem envolvente. A existência de “*varandas*”, também equacionadas no documento, espelha igualmente o desejo de contacto com o exterior. Contudo, nada é dito sobre a localização nem a dimensão

¹⁰ Ibid., p. 126.

¹¹ BLUTEAU, Raphael (1728) – “Quarto no edifício. A parte de hua casa grande, com serventia separada.”

¹² Ibid., “Eirado, Eirado. He o lugar, que sobre o tecto das casas, ou em outra parte dellas dica descoberto para tomar ar.”

¹³ “Estromento que se fez dobrigação das obras da Capella Maior da Igr.ª e dos Paços Novos de Góis antre o mestre das obras e o sôr. Luís da Silveira” em CORREIA..., pp. 31-37.

de tais varandas. A descrição apenas informa que seriam de arcos redondos com peitoril¹⁴, seguindo um módulo de 8 palmos entre eixos de colunas, com 8 palmos e meio de alto, voltas de sarapanel – solução que deveria ser replicada e ajustada em altura, no piso chão. É na definição das colunas das janelas e das dos arcos das varandas que encontramos a referência à influência ao gosto clássico que começava a surgir. Lê-se no contrato que serão “*colunas cõ suas basas e capiteis bem laurados ao Romano*”. A qualidade escultória destes elementos de pedraria seria facilitada pela escolha da pedra de Ançã para vãos e colunas do piso sobradado que, contrariamente ao grés local aplicado na globalidade, permitiria um trabalho muito delicado cuja qualidade ressaltaria também ao nível da cor. O cuidado e busca pela harmonia das partes está bem presente na descrição destes artigos que, para além de sugerirem modelos de referência do renascimento, revelam a relevância da disciplina do desenho, em particular nas janelas gemeladas, que de alto deverão ter “*aquilo que demandar e as voltas será pella ordenança do debuxo*” e cujas colunas “*terão aquela grossura que bem parecer*”. Semelhante preocupação se assiste na descrição das “*varandas segundo forma do desenho*”, com travejamento de madeira. Quanto à dimensão dos portais de pedra da Várzea ficava em aberto serem “*da grandura que o senhor luis da silveira ordenar*”. Neles não “*haveria mais obra que seus chanfros das ombreiras muito bem lavradas*”, contrastando com os elementos delicados das colunas e varandas em pedra de Ançã. Atente-se ainda na referência ao custo da execução de chaminés, que denuncia a preocupação pelo conforto e bem-estar interior. Era exigida a qualidade máxima da obra tanto quanto o material o permitisse. Assim se comprometeu Torralva com a empreitada que Castilho executaria,

*“boa e bem feyta e bê forte e segura e as alveneryas feytas de call e a pedraria muy bê laurada e limpa e escodada e com boas juntas e bê asentada ê man^a q toda a dita obra seja boa e de Reçeber a vista de bõs oficiais e a pedraria será tabé laurada como a dita pedrra ho poder sofrer.”*¹⁵

Alguns tombos das centúrias seguintes permitem entender melhor a organização dos Paços Novos, revelando qualidades do edificado e das áreas contíguas.

Assim, no tombo realizado no início do século XVII, lê-se que os Paços eram “*edificados ao Longo do Ryo fazendo sobre ele a frontaria*”¹⁶, dotados de suas serventias, pública (voltada à rua da Ponte) e privada (de acesso ao rio Ceira), articuladas por espaços de acolhimento exterior, o **terreiro e pátio**. Este último, elevado em relação ao rio, localizava-se entre o edificado e a “*orta e pomar dos Passos*”. O terreno “*todo tapado sobre sy*” e inclinado, facilitava a rega, propiciando a exploração do jardim, nas duas vertentes enunciadas e devidamente distinguidas no tombo – **horta e pomar** – oferecendo as condições de recato e deleite também procuradas. Dava ainda conta o tombo da posse da água que servia e alimentava aquela propriedade – a ela “*vai a ágoa da Fonte da Villa, por seu Canno, e curço, antigo*”¹⁷. Todas estas características sublinham a identidade do Paço – Horta – Pomar, remetendo para a tradição e arte dos jardins em Portugal dos períodos manuelino e joanino, naturalmente adaptados à irregularidade da geometria triangular do terreno e tirando claro partido da proximidade ao leito do rio e da envolvente natural que possibilitava a pesca logo ali, a contemplação dos campos de cultivo, e fora de muros, a caça e a observação da serra com os Penedos a dominarem todo o vale.

¹⁴ Junto à descrição das varandas, depois de nomeados os arcos “*com sua volta redondo*”, lê-se “*voltas hão de ser de sarapanel e terão de grosso dois palmos*”. Na ausência de mais dados não foi possível entender a solução construtiva apresentada.

¹⁵ Ibid., p. 36.

¹⁶ “Tombo das Vilas de Oliveira do Conde, Correlos, Goes e Salavisa”. Arquivo Municipal de Góis, 1892, fls. 252-253.

¹⁷ Ibid.

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"



Fig. 6 – Penedos de Góis e vila, c. 1940. Fotografia Baltazar Ferreira. Col. particular JB.

*"Tenho cá mui certas trutas
e rio bem pela porta
e o que mais conforta
que são às bragas enxutas.
Ando com cana na mão,
de sol a sol a pescar.*

*(...)
Eu vos falo como amigo
que esteve já no perigo
e agora vê-se fora,
que a verdade é ir embora
Semear centeio e trigo."*¹⁸

Só 270 anos após a encomenda da empreitada, graças à descrição num tombo datado de 1799, pudemos ter noção da dimensão e dalgumas informações avulsas sobre o paço quinhentista, ressaltando embora a possibilidade de ter sofrido alterações ao longo dos três séculos transcorridos. Assim, o "*bom Palácio*"¹⁹, conforme fora sucintamente descrito em 1708, apresentavam-se já no final do século XVIII em avançado estado de ruína, sendo apenas parcialmente utilizado para receber as jugadas. O recinto tornara-se num quintal aforado que produzia centeio (6 alqueires), tinha corrimões e latadas de vinha (40 almudes), e "*três laranjeiras, huma Figueira e huma Pereira*"²⁰. Não será de todo exagerado, ler na enumeração das espécies e das estruturas então identificadas ressonâncias do que teria sido o jardim do Paço renascentista. Do corpo do palácio restavam apenas as paredes e duas torres ainda com telha, que definiam um corpo alongado e torreado nas extremidades Norte e Sul, com 56 × 11 varas²¹, que bem parece

¹⁸ Luís da Silveira, em RAMOS..., pp. 128 e 131

¹⁹ COSTA, P. António Carvalho da – *Corographia Portuguesa*. Lisboa: 1708, p. 50.

²⁰ "Tombo dos Morgados da Exma Caza de Abrantes pertencentes a Goes e Selaviza". Arquivo Municipal da Figueira da Foz, 1799, fl. 123v.

²¹ Para efeitos de conversão de medida e aproximação à dimensão do antigo palácio foi considerada 1 vara = 1,10 m, resultando numa implantação de 61,6 × 12,1 m.

corresponder a um dos modelos mais difundidos de *villas* de tradição italiana. Faz ainda referência o tombo a 19 janelas dispostas em cada uma das fachadas Nascente e Poente, e apenas 3 a Norte e Sul. Sobre a porta principal encontrar-se-iam as armas da família. Acerca do eirado e da construção em quartos, referidas no testamento, e das varandas e seus arcos, constantes do 'estromento', nada era dito. Os relatos posteriores conhecidos, já do final do século XIX, dão conta de memórias de tempos idos, nem sempre possíveis de validar²². Referem o abandono e a transformação do paço em “*abundante mina de muita e bem lavrada cantaria, que ainda se encontra em diversas construções da vila, até que da sumptuosa habitação não mais ficou*”²³, como aliás se pode constatar pelas fotografias do dobrar daquele século²⁴.

O legado de Luís da Silveira e das gerações seguintes da família é testemunho de uma vontade de modernização da vila em prol da comunidade. Assim atesta a construção do Hospital e capela do Espírito Santo, com bula papal de 1555, conseguida pelo filho, D. Diogo da Silveira, seu fundador e administrador,



Fig. 7 – Perfil e planta do centro da vila de Góis. HAP-FAUP-2014-15.
Desenhos de A. Ventura, C. Mazzeo, J. Sousa, J. Ferreira, P. Gonçalves.

²² “O corpo central, excedido superior e externamente pelas torres, era de um só andar, em que se viam janelas ogivais e gemelladas, e a que se subia por uma escada de cantaria que se formava a meio de um espaçoso pateo, aberto para o lado da rua da Ponte e contíguo ao pomar e à horta.” NEVES, J. Baeta – *Notícia Histórica e Topográfica da Villa de Goes e seu termo*. Lisboa: Typographia Baeta Dias, 1897, p. 22.

²³ *Ibid.*

²⁴ Já na década de 1970 foi ali construída pelo Comendador Augusto Rodrigues, abastado comerciante lisboeta e filho da terra, a maior moradia da vila, restituindo àquela parcela agrícola a natureza excepcional do Paço.

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"

conforme comprova a cartela ainda hoje existente na fachada do edifício. A criação desse moderno espaço dedicado aos cuidados do corpo e da alma, cujo 'Regulamento' chegou aos nossos dias, e que funcionou até 1832 nas proximidades da antiga câmara no centro da vila, concretiza a acção do 2.º conde de Sortelha no cumprimento dos preceitos testamentários do pai.



Fig. 8 – Praça – antigo hospital, lado nascente (à dir.). s/d. Col. particular JB.
Largo do Pombal – casas Nogueira Ramos e Baeta da Veiga, igreja da Misericórdia e fonte, s/d. Col. particular.

Deu ele novo uso a património da família ao ceder parte dos antigos quintais dos **Paços Velhos** de Gomes Martins de Lemos para aí instalar a claustra do hospital, junto à antiga torre do senhorio, demolida já século XIX e recentemente revelada por trabalhos arqueológicos²⁵. Pela claustra e quintais corria água proveniente da fonte do Pombal, que dali seguia até aos Paços Novos.

*"Item a Fonte do Pombal (...) que he de charco coberto de abobada com azulejo e por cima formada huma figura de castelo tem as Armas da Família dos Silveiras. (...) Da água desta fonte uzão os moradores da villa para uzos domésticos tirando-a della com cântaros. Ha tradição e fama constante entre os Nacionais que a simples bebida da água desta fonte tem curado muitos (...)"*²⁶.

O consumo da água abundante desta **Fonte** de promoção privada, outrora confirmada pelas armas da família que ostentava, era aberto ao uso público, portanto, um serviço à comunidade. Em *Aquilegio medicinal* de 1726, sob o título '*Fonte alexipharma do Gallico*', as suas qualidades no tratamento da doença do gallico (sífilis), surgida no Europa em finais do século XVI, era reconhecida ao afirmar "*que só com beberem desta agoa se remedeão*"²⁷.

Localizada no antigo rossio, onde no final do século XVI se construíra a igreja da Misericórdia, reconstruída no mesmo local no século XIX, destaca-se "*a muito notável fonte (...) de construção exquisita*"²⁸

²⁵ SÁ, Ana Marques – "O Antigo Hospital de Góis. Resultados preliminares da intervenção arqueológica e perspectivas de musealização", em *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias* (Out. 2008). Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2011. pp. 465-475.

²⁶ "Tombo dos Morgados" 1799..., fl. 124.

²⁷ HENRIQUES, F. da Fonseca – *Aquilegio medicinal*. Lisboa, 1726, pp. 113-114.

²⁸ SECCO, António Henriques – *Memoria histórico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*. 1853, p. 61.



Fig. 9 – Fonte do Pombal. Planificação do revestimento interior em azulejos hispano-árabes do século XVI, de 13 padrões diferentes. 2017. JLM.

com “*semilhança com uma espécie de pavilhão*”²⁹, que hoje muito se faz notar pela simplicidade formal. A fonte de cobertura piramidal é toda ela caiada pelo exterior o que lhe confere forte carácter. Ao exterior austero contrapõe-se o rico interior ornamentado e de múltiplas cores (verdes, azuis, castanhos, preto e branco). Nessa superfície abodada, que não soma mais de 10m², identificamos ainda hoje uma enorme variedade de padrões de azulejos hispano-árabes, a saber: doze de aresta e um de corda seca. Num cuidadoso jogo – composição radial com frisos que limitam losangos e quadrados alternados – foram combinados diferentes padrões geométricos e outros de inspiração renascentista marcada por temas vegetalistas. O tratamento das superfícies é em muito semelhante à que ainda encontramos no que resta do revestimento azulejar parietal da Sé Velha de Coimbra, encomendado sob desígnio de D. Jorge de Almeida nos inícios do século XVI, obra contemporânea da que estamos a analisar.

Fez-se assim em Góis outra pequena grande obra: uma fonte acessível a todos os moradores da vila, requintada e distinta das demais, que é hoje um dos poucos testemunhos que restam da aplicação de azulejo quinhentista fora do espaço religioso e/ou palaciano³⁰.

²⁹ “*Uma formosa e elegante fonte tinha esta villa no largo do Pombal, que, pela semilhança com uma espécie de pavilhão que há na extremidade do aqueduto d’esta cidade de Évora, próximo da igreja de S. Francisco, bem podemos julgar manuelina também, como este pavilhão parece ser uma isolada e solitária sentinela das ruínas da Galeria das damas de el-rei D. Manuel.*” BARATA, António Francisco – “Breve notícia histórica da villa de Goes no districto de Coimbra” em *Panorama Photographico*, Volume III. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1873, p. 31.

³⁰ Uma ficha do inventário de azulejaria realizado por Santos Simões, no início da década de 1960, assinalava a aplicação de azulejo hispano-árabe a granel no pavimento da capela de Santo António (Góis), entretanto desaparecidos, mas registados nos levantamentos

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"

*"Acima do depósito e inferiormente ao pavimento da rua, faz-se a captação das águas em um pequeno espaço fechado por paredes e arcarias de tijolo de data antiga."*³¹

A ausência de descendência varonil do 3.º conde dita um progressivo afastamento da família ao senhorio de Góis, que acabaria integrado no património da Casa de Abrantes. A par do declínio do senhorio, observa-se o desenvolvimento de uma economia agrícola no aro rural onde residem os novos senhores. A proximidade a Coimbra garantiria a formação académica de membros das famílias que acabariam por ocupar diversos cargos administrativos locais. Surgem assim na vila e seu termo, entre os séculos XVI e XVIII, casas qualificadas, algumas nobres, com interiores cuidados, por vezes associadas a regimes de capela e morgadio³².



Fig. 10 – As casas de Góis e suas famílias.³³

A casa da Quinta, actual Câmara Municipal de Góis, fronteira à claustra do antigo hospital, é uma das mais interessantes casas nobilitadas da vila. Conserva no interior um invulgar e notável conjunto de tectos de

de suporte à publicação do Inventário Artístico do distrito de Coimbra, de António Nogueira Gonçalves (1953). Aquando das escavações arqueológicas do antigo hospital foram encontrados fragmentos de outros padrões de azulejos hispano-árabes o que sugere a utilização alargada deste material, que não se resumia unicamente no revestimento da cisterna.

³¹ NEVES..., p. 49.

³² À listagem de casas apresentadas seria igualmente justo adicionar as das famílias Baeta Veiga, Nogueira Ramos assim como as situadas no Terreirinho e rua dos Seixos. É de lamentar a destruição da Casa das Ferreirinhas, cuja qualidade tinha sido registada no âmbito do Inquérito à Arquitectura Portuguesa na década de 1950. Releve-se ainda um conjunto de casas correntes com ombreiras e padieiras quinhentistas dispersas pela vila, que nem sempre têm sido salvaguardadas.

³³ Dados retirados da notícia "A vila de Goes" em *A Época*, 31 de Julho de 1922 [recorte de imprensa].

masseira³⁴, em madeira de castanho e pintados a óleo, datados do século XVII e XVIII. Passagens bíblicas, cartelas e grotescos, são temas e elementos que compõem o universo dos cinco tetos que mereceram recentemente um estudo cuidado³⁵ que contribuiu para a justa divulgação deste legado, classificado desde 1924. Curiosamente, com semelhante propósito um destes tetos fora também alvo de registo fotográfico por Sartoris, já no ido ano de 1897.³⁶ Com alguma surpresa, constatámos que a pintura de uma destas salas, seus temas e motivos, parecem ter inspirado a decoração de uma sala da revivalista Casa dos Tectos, de Tomar.

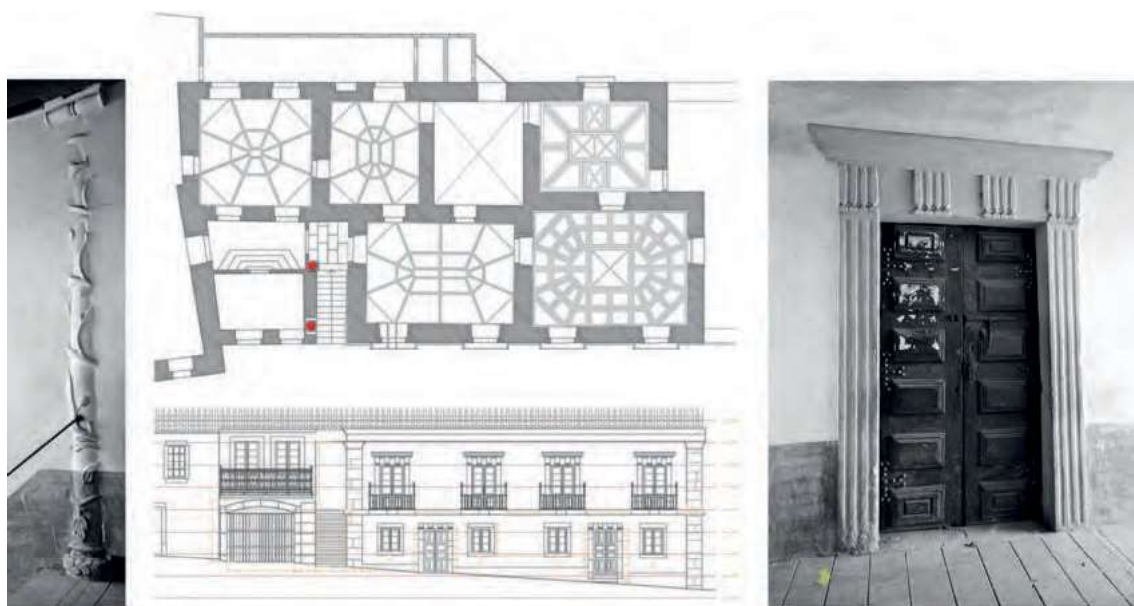


Fig. 11 – Casa da Quinta. Góis. SIPA. HAP-FAUP-2014-2015.
Desenhos de A. Ferreira, F. Oliveira, L. Hass, L. Franke, M. Santos.

Em particular atente-se na **coluna** com capitel de inspiração jónica, de aproximadamente 3,30m de altura. A base sugere uma coroa de louros aberta; o fuste, de uma pedra só, reveste-se de um elemento vegetal helicoidal com frutos; o capitel apresenta friso revestido a folhas, encimado por voluta e ábaco.

³⁴ No âmbito da investigação aqui sintetizada foi identificada perto de dezena e meia de tetos de masseira, distribuídos por nove casas de Góis. Para além dos excepcionais tetos pintados da Casa da Quinta, destaquem-se, pela qualidade da pintura os, da Casa da Praça, da Lavra de Cima e da Quinta da Capela.

³⁵ CORREIA, Ana Paula Rebelo – *Os tetos pintados da Antiga “Casa da Quinta” – um testemunho de pintura dos séculos XVII/XVIII na decoração de uma casa senhorial*. Góis: Câmara Municipal de Góis, 2017.

³⁶ Giuseppe Sartoris foi um fotógrafo italiano radicado em Coimbra na década de 1870, após passagem pelo Porto. Entre 1896 e 1898 desenvolveu um projecto em estreita colaboração com António Augusto Gonçalves, futuro 1.º director do Museu Nacional Machado de Castro. Entre as fotografias publicados em *Portugal Artístico e Monumental* devem aqui ser destacadas as duas de Góis – “Túmulo do conde de Sortelha” e o “Tectos d’uma casa” (Casa da Quinta).

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEADOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"

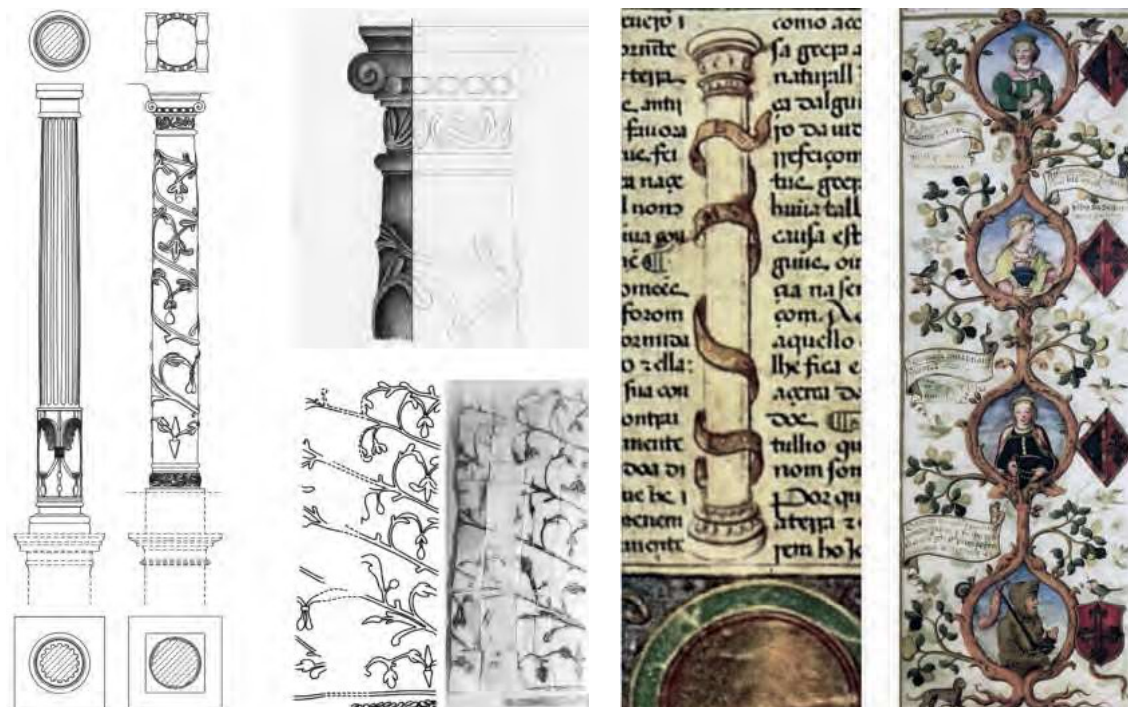


Fig. 12 – Colunas da Casa da Quinta. HAP-FAUP-2014-15.

Desenhos de A. Ferreira, F. Oliveira, L. Hass, L. Franke, M. Santos.

Pormenores do livro das *Crônicas de D. João I* (c. 1500) e da *Genealogia do 3.º Conde da Feira* (c. 1530). ANTT.

Embora o enrolamento de elementos vegetais em colunas renascentistas pétreas não seja corrente, não deixamos de o encontrar em peças de excepcional qualidade desse período, seja em tapeçarias³⁷, seja em iluminuras. Uma ideia de honra (base), de linhagem – de crescimento e de frutos – (fuste) e de erudição clássica (capitel), parece estar presente sob a forma de metáfora no trabalho escultórico desta coluna.

Semelhante ideia surge nos trabalhos de iluminura do livro de *Crônicas de D. João I* e na *Genealogia do 3º Conde da Feira* – obras contemporâneas da acção dos Silveira em Góis. No primeiro caso, junto a uma coluna envolta numa fita, lêem-se palavras de Fernão Lopes:

*“Alguns outros tiveram que isto descia na semente, no tempo da geração, a qual dispõe por tal guisa aquele que dela é gerado que lhe fica esta conformidade tão bem acerca da terra como de seus divedos. E assim parece que o sentiu Túlio, quando veio a dizer, ‘Nós não somos nados a nós mesmos, porque uma parte de nós tem a terra, e outra, os parentes’.”*³⁸

No caso da *Genealogia do 3.º Conde da Feira* (c. 1530), de António de Holanda e com iluminuras de João Menelau, destacamos os elementos vegetais que unem diferentes gerações, carregados de frutos e

³⁷ A título de exemplo, atente-se à tapeçaria n.º 1 da série “História de Édipo” produzida em Bruxelas na manufatura de Pieter van Aeslt, na década de 1530, que integra a colecção do Museu de Lamego. Nela surge uma coluna com videira enrolada.

³⁸ LOPES, Fernão – *Crónica de D. João Primeiro*. ANTT.

de vida em seu redor. Releve-se, num dos fólhos, a presença de uma coluna sobre a qual foi representado o imperador Carlos V – com quem Luís da Silveira privara em Valladolid, enquanto embaixador.

Reconhecendo a singularidade desta coluna como peça memorial, irrepetível, resta-nos admitir que tenha pertencido a alguma encomenda da mesma nobre família, o que estaria em consonância com as palavras de Luís da Silveira:

*“A geração vai e vem,
A terra sempre assim está.
(...)
Quem carece do passado
Julga pelo acidente
(...)
Que não lembrem os primeiros
senão por história,
tão pouco terão memória
de nós os mais derradeiros.
O tempo vai por compasso,
dias, horas e momentos,
liberal de esquecimentos,
de memórias mui escasso.”³⁹*

Começámos este périplo por Góis pela pequena ermida sobranceira à ponte e à morada terrestre idealizada por Torralva para D. Luís da Silveira; passámos pelos Paços Novos com sua horta e pomar, ligados ao centro da vila pela rua que vai da Ponte à Praça, dos assentos junto ao rio até ao Hospital criado para cuidar e albergar quem passava; prosseguimos a linha de água até ao Pombal. Num percurso quer procura tecer memória da(s) família(s) perpetuada(s) em pequenas grandes obras que entendemos considerar, resta agora visitar o **Panteão dos Silveira** na Igreja de Santa Maria Maior, a morada eterna, situada no extremo sul da vila, de onde a vista bem alcança o ponto da nossa partida.



Fig. 13 – Igreja matriz de Góis. Fotografia anterior a 1974. Col. particular JLM.

³⁹ Luís da Silveira em RAMOS..., pp. 116-117.

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"

O túmulo de D. Luís da Silveira, integrado no projecto de (re)construção da capela mor da igreja de vila encomendado pelo próprio, responde ao desejo por si manifestado: "*Deixe-me Deus repousar / A mim entre estas serras*". Respondendo às elevadas exigências do nobre cliente, a qualidade alcançada no conjunto da obra só seria possível graças à reunião de mestres como Diogo Castilho, Diogo de Torralva e, possivelmente, João de Ruão. Executada entre 1529 e 1531, esta obra é comumente considerada um dos expoentes máximos da escultura do renascimento português. De facto, para a sua realização Luís da Silveira convocou quem de melhor havia para prestar homenagem à sua nobre linhagem (casal, pais e avoengos)⁴⁰, socorrendo-se das oficinas e mestres que em Coimbra vinham realizando grandes obras, como as promovidas pelo bispo D. Jorge de Almeida, na Sé Velha, ou a reforma do mosteiro de Santa Cruz, sob patrocínio régio.

Não tem este trabalho a pretensão de acrescentar novidade ao que veio sendo descoberto e publicado sobre esta obra ao longo últimos 100 anos⁴¹, fruto de aturado estudo das fontes escritas e da obra construída. Propomos antes relevar aspectos que despertam a curiosidade e que fazem reflectir sobre a prática de projecto.



Fig. 14 – Túmulo do conde de Sortelha em *Portugal Artístico e Monumental* de José Sartoris, 1896.
Col. particular AR.

⁴⁰ A encomenda integrava, para além do túmulo pessoal para o encomendador e sua esposa D. Brites de Noronha, uma campa rasa para seus pais e um outro túmulo duplo para os antepassados que na igreja jaziam.

⁴¹ Sobre este tema: (CORREIA, 1921), (GONÇALVES, 1953); (DIAS, 1982); (CRAVEIRO, 1990 e 2004); (FLOR, 2000); (CASTRO, 2001) e (PEREIRA, 2020).

Atente-se à geometria poligonal da capela mor de cabeceira tripartida. Ocultada pelo retábulo⁴² ali existente não é possível ver senão a porção quadrangular de apenas 2/3 da sua verdadeira extensão longitudinal. Na verdade, o desenho da abóbada, cuja solução construtiva podia segundo o contrato ser escolhida por Luís da Silveira⁴³, apresenta uma riqueza e complexidade bem maiores do que as da estrela de oito pontas visível. Nenhum dos dois documentos conhecidos, testamento e 'estromento', torna explícito o remate da cabeceira a construir pois apenas fornece as medidas globais: 45 × 30 × 40 palmos de comprimento, largura e altura, respectivamente. Nem o arco da capela é de facto "*de volta redondo*", nem tão pouco os fechos (medalhões) foram realizados em pedra da Várzea, à excepção dos dois principais que ostentam as armas da família e que, afinal apenas esses, deveriam ser em pedra de Ançã. Tão pouco encontramos ameias a coroar a capela. O arco quebrado de gosto manuelino, os múltiplos medalhões renascença em pedra de Ançã, e ainda a ausência de ameias, leva-nos, à luz do que é hoje a prática de arquitectura, a questionar a liberdade contratual e próprio curso natural do trabalho em estaleiro naquele tempo.



Fig. 15 – Abóbada da capela mor. 2017. JLM.

⁴² Fora do contexto estrito da arquitectura e escultura, às tábuas quinhentistas integradas na composição retabular barroca da capela mor, são reveladoras da existência de outras expressões artísticas dignas de menção e que, muito possivelmente, seriam promovidas pelos senhores da Terra.

⁴³ "(...) a balsoarya sera de bom tygollo e bem goarneçada pera baixo ou de camterya falsa çimtada qual ho dito sor luis da sylura mais quiser e o casco da abobeda sera Respaldado por çyma e emtilhado com suas corretezas per ambollas partes". Correia..., p. 32.

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"

Relevamos a localização do túmulo de D. Luís e sua mulher que, não estando contratualmente definida, tira o melhor partido da iluminação natural da capela, essa sim contemplada no 'estromento'. A composição tumular, de vincada e delicada estrutura arquitectónica, faz um todo com a parede onde se insere. Não só por integrar um dos vãos da capela, como por parecerem os seres híbridos do remate superior surgir da própria parede, pela forma como os relevos da escultura jogam com o reboco. A localização na parede norte permite que incida sobre o túmulo o feixe de luz que entra pelo vão da parede oposta, rasgada a sul. Todo o fino trabalho escultórico, em particular a figura do 1.º Conde de Sortelha, ajoelhado e a orar voltado a nascente, ganha assim especial realce e dramatismo, ao encontro do desejo expresso: "*E a minha sepultura mando que seja posta no lugar da capela onde melhor parecer*".

Finda esta visita a Góis, fica clara a relevância de D. Luís de Silveira, "*um fidalgo português da renascença*"⁴⁴, cujo legado continua a merecer ser recordado, estudado e dado a conhecer. Pela natureza diversificada das obras seleccionadas torna-se evidente quão instrumental foram a Arte e Arquitectura promovidas pelos Senhores da Terra, enquanto homens de bem e contando com a colaboração dos melhores artistas do seu tempo, como serviço a uma comunidade inserida num território interior que sonharam tornar urbano e acolhedor, sabendo tirar partido da paisagem envolvente.

*"Vaydade das vaydades
& tudo he vaydade!
Assy passam as vontades
como as couzas de vontade.
Tudo sse jaa desejou
& tudo se avorreceu;
& tudo se jaa guanhou
& tudo se jaa perdeo."*⁴⁵

AGRADECIMENTOS

À Câmara Municipal de Góis, ao Centro de Referência da Memória Goienense, à Associação Educativa e Recreativa de Góis, ao Museu Nacional Machado de Castro, aos proprietários das casas visitadas, aos alunos que desenvolveram trabalhos em Góis no âmbito da História da Arquitectura Portuguesa HAP-FAUP-2014-15, a todos os que partilharam material e saber aqui reunido.

BIBLIOGRAFIA

"A vila de Goes" – *A Época*, 31 de Julho de 1922 [recorte de imprensa].

"A Villa Renascentista. Arquitetura, Jardins e Paisagem". Amílcar Gil Pires coord. Lisboa: Caleidoscópio, 2015.

BARATA, António Francisco – "Breve notícia histórica da villa de Goes no districto de Coimbra" em *Panorama Photographico*, Volume III. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1873, p. 31.

⁴⁴ TÁVORA, D. Luiz Gonzaga de Lancastre e – *Um fidalgo português da Renascença. D. Luiz da Silveira, 1.º Conde da Sortelha*. Lisboa: 1969.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 65.

- BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: 1728.
- CARITA, Hélder e CARDOSO, António Homem – *A Casa Senhorial em Portugal*. Lisboa: Leya, 2015.
- CARITA, Hélder e CARDOSO, António Homem – *Tratado dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Bertrand / Quetzal, 1998 .
- CARAPINHA, Aurora – “da essência do Jardim Português”. Dissertação de Doutoramento – Artes e técnicas da Paisagem. Universidade de Évora: 1995.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes – “Diogo de Castilho e a arquitetura da renascença em Coimbra”. Dissertação de Mestrado – História da Arte. Universidade de Coimbra: 1990.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes – “O Renascimento em Coimbra, modelos e programas arquitectónicos”. Dissertação de Doutoramento – História da Arte. Universidade de Coimbra: 2004.
- CORREIA, Ana Paula Rebelo – *Os tetos pintados da Antiga ‘Casa da Quinta’ – um testemunho de pintura dos séculos XVII/XVIII na decoração de uma casa senhorial*. Góis: Câmara Municipal de Góis, 2017.
- CORREIA, Vergílio – *Um túmulo renascença. A sepultura de D. Luís da Silveira, em Góis*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.
- CORREIA, Vergílio e GONÇALVES, António – *Inventário Artístico do distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1953, pp. 103-107.
- DIAS, Pedro – *A arquitectura de Coimbra na transição do gótico para a renascença. 1490-1540*. Coimbra: 1982.
- FLOR, Pedro – *O túmulo de D. Luís da Silveira em Góis: um exemplo de arte funerária do Renascimento*. “Discursos [em linha]: língua, cultura e sociedade”. 2, Abril, 2000, pp. 123-143.
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca – *Aquilegio medicinal, em que se dá notícia das agoas de Caldàs, de fontes, rios, poços, lagoas e cisternas do Reyno de Portugal e dos Algarves que, ou pelas virtudes medicinaes que tem, ou por outra alguma singularidade, são dignas de particular memoria*. Lisboa Ocidental: Oficina de Musica. 1726, pp. 113-114.
- HOLANDA, António de – *Genealogia do 3.º Conde da Feira. 1530*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Livro de Testamentos da Casa dos condes de Sortelha e senhores de Góis*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1529.
- LOPES, Fernão – *Crónicas de D. João I*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- NEVES, J. Affonso Baetta – *Nota Historica e Topographica da Villa de Goes e seu Termo*. Lisboa: Typographia Baeta Dias, 1897.
- OLIVEIRA, Marta – “Arquitetura Portuguesa do tempo dos descobrimentos, assento e prática do conselho” Dissertação de Doutoramento – Arquitectura. Universidade do Porto: 2004.
- PEREIRA, Gabriel – “A decoração ‘ao romano’ e a presença de João de Ruão na tumulária de Góis e Trofa do Vouga” em *digitAR – Extra Número*, 2, Coimbra: Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, 2020, pp. 158-.
- PROENÇA, Raul – *Guia de Portugal, Beira, 1 – Beira Litoral*, 3.º vol. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1984, p. 397.
- RAMOS, João Nogueira – *Ao longo desta ribeira – coletânea poética, com notas biográficas e genealógicas de D. Luís da Silveira, Senhor de Góis*. Lousã: ed. de autor, 2000.
- RAMOS, João Nogueira – *O concelho de Góis. Ensaio de reconstituição da sua História (do século XII ao XXI). Cronologia do poder e da Sociedade*. Góis: Movimento Cidadãos por Góis, 2009.
- RAMOS, Mário Nogueira – *Arquivo Histórico de Góis. I e II*. Góis: Câmara Municipal de Góis, 2012.

"POR GOES SER A CABEÇA DE MINHA CASA, E TÃO ANTIGA COUSA (...)
HE MERECEDOR DE TODA BEM FEITORIA E NOBRECIMENTO"

SÁ, Ana Marques – "O Antigo Hospital de Góis. Resultados preliminares da intervenção arqueológica e perspectivas de musealização" em *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias* (Out. 2008). Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2011. pp. 465-475.

SECCO, António Henriques – *Memoria histórico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*. 1853, pp. 60-63.

SILVA, João Castro – "O túmulo de Góis". Mestrado em História da Arte. Lisboa: Universidade Lusíada. 2001.

TÁVORA, Luiz Gonzaga de Lancastre e – *Um fidalgo português da Renascença D. Luiz da Silveira, 1.º Conde de Sortelha*. Lisboa: 1949.

Tombo dos Morgados da Exma Caza de Abrantes pertencentes a Goes e Selaviza. Arquivo Municipal da Figueira da Foz. 1799.

Tombo das Vilas de Oliveira do Conde, Correllos, Goes e Salavisa. Arquivo Municipal de Góis. 1892.

Imagens:

AR_Alexandre Ramires; MSC_Margarida Santos Coelho; JLM_João Luís Marques; JB_João Barros e José Luís Nogueira.